

UM SONHO RENASCENTISTA: LEON BATTISTA ALBERTI

Antônio Edmilson Martins Rodrigues

A renascença é pródiga em sonhos. Grande parte deles ajudaram a construir o que denominamos hoje de cultura moderna. É um desses sonhos - a cidade ideal - e um desses sonhadores - Alberti que tomarei para exame neste artigo.

A idéia que organiza o texto que a seguir será lido é velha conhecida daqueles que se debruçam sobre a cultura renascentista e relevante no contexto de sua historiografia - a biografia, associada ao contexto cultural e examinada como aventura e experiência. Desse modo, o que será lido é uma primeira aproximação à trajetória percorrida por Alberti ao longo de sua vida.

OS ELEMENTOS DE APOIO

Antes, entretanto, de iniciar a viagem em torno da vida de Alberti, torna-se necessário dizer que só a partir da segunda metade deste século é que Alberti assume uma posição de destaque no conjunto dos intelectuais renascentistas. Essa redescoberta foi possível graças a Adolfo Venturi e Mario Salmi, num primeiro momento, e a Cesare Brandi (1956) e Bruno Zevi (1958). Todos eles historiadores da arte e arquitetos. Mas o grande impulso, no sentido de processar uma interpretação mais profunda da obra de Alberti, foi de Giulio Argan, o grande crítico e historiador da arte romana.

Segundo Argan, esse descaso pela obra de Alberti provém da avaliação negativa feita durante o renascimento pelo grande biógrafo dos artistas, Giorgio Vasari, que considerava Alberti um intruso na grande cultura da renascença. A opinião de Vasari progrediu entre aqueles que o tomaram como fonte para explorar a cultura italiana no renascimento. Entre estes, destaca-se Julius von Schollosser (1929) que não considera Alberti artista, reconhecendo apenas a sua notável personalidade literária que misturava, como amador, com conhecimentos de engenharia e retórica, definindo-o como um imitador de

Vitrúvio.

Na contramão dessa opinião, Argan descreve Alberti como um pesquisador de ponta na renascença, dizendo mesmo que foi o primeiro a estabelecer uma relação plena entre teoria e experiência e, neste aspecto, como Pierre Francastel, considerando-o como o iniciador de um procedimento interpretativo que provocará logo o desenvolvimento do método científico de ver as coisas no mundo. Além de ter introduzido uma nova definição de espaço, que propicia o avanço dos estudos de perspectiva e rompe com a idéia medieval do espaço-aglomerado, onde as coisas se ordenam pelas aparências e pelas presenças, estabelecendo a idéia de espaço-relacional, onde as coisas se movimentam e trocam, entre si, a partir de associações de formas e conteúdos expressos por suas historicidades.

Essa idéia de espaço-relacional deriva, em Alberti, de suas pesquisas sobre ótica e sobre a construção da cúpula da Catedral de Florença elaborada por Brunelleschi. E na busca de uma definição sobre a grandiosa obra da cúpula que Alberti define, não como um objeto arquitetônico, mas como espaço objetivado ou realizado, nas palavras de Argan. Assim, esse exercício de interpretação da obra de Brunelleschi comporta a noção de produção associada ao elaborar criativo da vontade humana, como uma realização que produz relações que vão além dos limites da época, alcançando o novo.

Esse novo, que para Alberti resulta de um constante processo de pesquisa da natureza humana e física, apresenta-se constituído na forma da cidade ideal, observada como síntese, sempre provisória, da capacidade do homem de estabelecer a lógica da história contra o fatalismo da sucessão de eventos. Nesse sentido, a cidade ideal - espaço-relacional opõem-se à cidade medieval - espaço-aglomerado - uma cidade que cresceu sobre si mesma sem uma ordem que lhe

pudesse atribuir significados novos.

Essas observações de apoio mostram a importância de Alberti e seu significado para a cultura renascentista. Mas, se mais não fosse, há ainda um outro acréscimo importante a se fazer desconhecido de Argan e que contribui enormemente para alargar a intervenção de Alberti na cultura de seu tempo.

Difícilmente aqueles que se dedicarem à leitura deste ensaio terão deixado de folhear as belíssimas páginas da Ética protestante e o espírito do capitalismo de Max Weber, em alguma época. Terão, dessa maneira, passado pelo capítulo II e devem ter notado, na longa nota 10 do capítulo, que ocupa as páginas 140 a 144, um comentário que diria que é, ao mesmo tempo, elucidativo e exaustivo. A nota em discussão é uma, entre outras, passagem de disputa interpretativa com Werner Sombart, tomando como base o seu livro *O burguês*.

Sombart, no livro em apreço, toma o livro *Da Família*, de Alberti, como documento central para elaboração de sua tese sobre a força modernizadora e indolente dos burgueses, destacando Alberti como um representante dessa nova cultura. Só por isso já podia me dar por satisfeito, pois confirmava numa hipótese da importância de Alberti para o renascimento. Entretanto, o que mais confirma o que venho afirmando são as palavras de Weber em sua crítica a Sombart, nelas encontro os argumentos definitivos para o que tenho dito. Weber, em oposição a Sombart, revela o grau de criatividade e o empenho do novo em Alberti, destacando-o como o grande homem da renascença e mostrando o equívoco de Sombart ao tomá-lo como um simples homem comum do cotidiano das cidades:

Qualificar Alberti, que era orgulhoso de sua descendência de uma das mais ilustres famílias nobres de cavaleiros de Florença (...) como homem de sangue mestiço, cheio de inveja pelas famílias nobres por causa de seu nascimento ilegítimo, que não era, entretanto, nem um pouco desqualificável socialmente, e, excluí-lo como a um burguês da associação com a nobreza, é bastante incorreto. É verdade que é peculiar a Alberti a preconização de amplas empresas.¹

Weber afirma a impropriedade de se tomar Alberti como o protótipo do burguês moderno com seu cálculo econômico, objetivando o futuro lucro. Alberti, como a grande maioria dos humanistas, vê o valor das coisas em si mesmas e as toma como objeto de

realização de sua criatividade, como descoberta e como história, daí Sombart ter tomado esse racionalismo próprio da renascença como um agente de uma profunda transformação no mundo.

Acho que as referências indicadas dão conta dos apoios necessários para continuarmos nossa viagem.

ALBERTI: O SONHO COMO EMPREENHIMENTO INTELCTUAL

Nascido em Gênova - 14 de fevereiro de 1404 - de uma família florentina no exílio, Alberti só voltará à Florença em 1434. Esta (in)feliz situação de exílio favorece, quando de sua volta à cidade de sua família, seu entendimento da mágica da arte e da história de Florença. Entre seu nascimento e a volta à Florença, Alberti não só conhece a maioria das cidades italianas envolvidas com a nova cultura, mas também viaja pela Europa e conhece com mais vagar Paris e algumas cidades alemãs, onde se dedica a estabelecer contatos religiosos e a mostrar o desenvolvimento de seu trabalho de pesquisa, adquirindo como retorno um conhecimento do que se fazia de ponta nessas áreas, desde questões vinculadas à fé cristã até a magia e a alquimia.

Este itinerário se completa por seus estudos paralelos de humanidades na escola de Gasparino Barzizza em Pádua. Em sua estada em Pádua conhece Francesco Bárbaro e Filelfo com quem aprende grego. Transfere-se, em 1419, para Bolonha inclinado a estudar direito canônico. Entretanto, leva quase 10 anos para obter o seu diploma (1428).

Acredita-se que nesse período, por dificuldades familiares, tenha abandonado e retomado o curso. No entanto, a avaliação da produção textual de Alberti indica um caminho diferente. A curiosidade e a inquietação de Alberti acabaram por transformar esses quase 10 anos em anos decisivos para sua formação intelectual e para produção de seu empreendimento acadêmico como humanistas. Nesse período, estudou física e matemática, preocupado que estava em responder a algumas indagações de ordem religiosa e manteve contatos com pesquisas sobre magia e alquimia e com textos fundamentais em suas obras posteriores de Nicolau de Cusa e Marsílio Ficino.

Duas outras atividades também foram desenvolvidas por Alberti durante sua estada em Bolonha. Começa a exercitar sua personalidade literária e em decorrência de seus

estudos de retórica, produz pequenas comédias e preleções morais. Por conta de outra atividade, é que, alguns autores supõem que Alberti tenha estado em Florença, em 1428 e afirmam isso com uma larga dose de razão, baseados que estão na dedicatória de seu livro *Da Pintura* pela homenagem que Alberti presta a Brunelleschi e a obra da cúpula do Duomo. A origem dessa estada provisória decorreria de sua posição de secretário do Cardeal Albergati, ex-bispo de Bolonha, que havia tomado Alberti para essa função por suas qualidades retóricas e políticas.

Essa atividade de secretário acaba dando frutos e, em 1432, encontramos Alberti em Roma como secretário do chanceler pontifício Biaggio Molin e posteriormente como redator apostólico da Cúria Romana. Sua presença em Roma é tão marcante que merece uma bula papal através da qual levantam-se quaisquer impedimentos, até então existentes, como ser filho ilegítimo, para o recebimento de ordens religiosas e de benefícios eclesiásticos, fazendo-o Prior de S. Martino em Gangalandi e, em 1448, vigário de Borgo S. Lorenzo.

Ainda, em Roma, trava conhecimento com outros humanistas ligados à Cúria - Bruni, Poggio e Biondo, entre outros - e em suas funções abre espaço para que vários humanistas florentinos visitem Roma, especialmente para observarem o trabalho arqueológico de redescoberta da antiga Roma, no qual Alberti tem participação primordial.

Em Roma, Alberti dá continuidade as suas pesquisas óticas associando-as, já agora, a outras áreas do conhecimento como a pintura e a arquitetura, como dimensões destacadas do conhecimento humano. A consequência desse movimento é a atenção que Alberti passa a dar às relações do homem com o espaço, principalmente na casa e na cidade, já que, para ele, a casa é o diminutivo de cidade. São, dessa época, os materiais que vão compor três dos livros mais importantes de Alberti: *Da Pintura*, *Da Família* e *Da arte edificatória*, popularmente traduzido, erroneamente, como *Da Arquitetura*.

Em 1434, muda-se para Florença e passa a integrar o círculo intelectual da cidade, dedicando-se, integralmente, aos estudos e pesquisas e à preparação de suas obras. Constantemente se ausenta de Florença para ir à Roma, onde é solicitado a dar pareceres sobre obras públicas e religiosas, ajudando principalmente o Papa Nicolau V na restauração e reconstrução dos edifícios romanos. Viaja

também a outras cidades para elaborar projetos de igrejas ou ajudar na restauração de monumentos religiosos. Essas ausências permitem a Alberti manter-se informado sobre a Itália e a produção renascentista, ao mesmo tempo que coleta os dados necessários para concluir, em 1452, o seu tratado sobre a arte da edificação.

Depois de ter, durante sua vida, trabalhado em vários setores, demonstrando sua capacidade intelectual e ter atuado como profundo inspirador de um modo novo de proceder à interpretação das coisas do mundo, inaugurando um racionalismo que antecede o século XVII e que é iluminado por uma forte aproximação entre teoria e experiência, sendo, por isso, considerado um inovador de linguagens, morre em Roma, em 1472.

O SONHO

A cidade ideal de Alberti pode ser aproximada à figura de Roma e Florença reunidas, não como elas se apresentam aos olhos daqueles que não se interessam pelos mistérios das duas naturezas, mas pelos sentidos daqueles que percebem o novo e estão desejosos de mantê-lo à custa da própria vida.

A cidade ideal associa experiência mundana e mística, por isso ela é um projeto caracterizado por sua dimensão múltipla, por sua capacidade de subdividir-se e adaptar-se sem que os princípios que dignificam o homem sejam excluídos. A cidade ideal apresenta-se no mesmo plano da cidade real, organiza-se enquanto movimento radical de busca da comodidade e da felicidade, bases de sustentação da liberdade e da autonomia do homem.

Assim, para Alberti, a cidade é sempre obra de arte, pois que construída pelos homens e pensada enquanto o espaço de garantia de sua eternidade. A cidade ideal é o projeto que sustenta a cidade real, é um ideal que move os homens em busca de uma sociabilidade capaz de, com o tempo, possibilitar a constituição do belo no gosto dos homens e fluir em direção ao sublime.

A cidade real vive, na visão de Alberti, dessa manutenção das idealizações que, entretanto, não devem ser consideradas como utopias. Para Alberti, o sonho é paralelo e justaposto à realidade, ele introduz a poética da cidade, seu encantamento descortina novos horizontes que, para Alberti, reduzem a diferença entre o espaço da cidade e o do

campo, uma vez que o entorno da cidade é o prolongamento do seu encantamento, da sua capacidade de multiplicação.

Esse sonho parece-me muito próximo a outros sonhos fundadores como os de Maquiavel, Thomas Morus, Bacon e Campanella. Mas também faz-me pensar que ele desempenha um papel singular em todo o empreendimento intelectual de Alberti, tudo em sua trajetória de vida revela afinho e alegria. A força de seu pensamento e sensibilidade de seu olhar, seu poder de síntese ancorado no processo paralelo de análise e sua ironia crítica são qualidades que fazem Françoise Choay atribuir-lhe a condição, junto com Morus, de fundadores de um novo modo de ver o espaço e suas relações.²

CONCLUSÃO

Antes de colocar um ponto final nessas observações intempestivas, não posso deixar de comentar um dos episódios que mais atingiram o grande humanista e que teve conseqüências negativas, impossibilitando o seu resgate como figura de proa na renascença.

Para quem já se dedicou à leitura das páginas anteriores, o episódio talvez perca grande parte de sua novidade, uma vez que nessas páginas lidas, o argumento consistia em aclarar o lugar de importância de Alberti, sobretudo através de uma conjunção entre idéia e ação e do programa intelectual e artístico daí decorrente. Durante sua vida, Alberti experimentou tudo que pudesse dar-lhe qualificação para entender, de modo compreensivo, o mundo, o homem e os mistérios dessas duas naturezas, para isso escreveu desde sátiras sobre a vida cotidiana e os hábitos das cidades até tratados sobre sociabilidade familiar, passando por traduções de textos gregos e histórias da vida de santos, viveu situações aparentemente paradoxais, padre e cientista, vigário e alquimista, secretário papal e arquiteto.

O episódio mencionado liga-se ao seu retorno à Florença e decorre do não entendimento de sua produção a partir desse momento. Alberti confessa que ao voltar à cidade natal de seus pais foi tomado de tal emoção que sentiu-se repentinamente abobalhado e só algum tempo depois é que conseguiu voltar à consciência e buscou um entendimento do que havia se passado com ele, destacando dois motivos que, para ele, sugeriam a explicação: a emoção de retornar à cidade onde sua família vivia e poder revê-los

e a monumentalidade artística de Florença.

Desse comentário surgiram várias interpretações, entre elas uma que acolhia Alberti como mero divulgador das obras de Brunelleschi, Donatello e Massacio, pois estes não escreviam. Por trás dessa interpretação de Alberti e sua obra, há uma visão do episódio que toma-o como demarcador da inferioridade de Alberti diante de todos os outros artistas de Florença.

Para que se entenda o significado desse episódio é preciso estabelecer algumas relações. É evidente que só quando volta à Florença é que Alberti percebe, de forma completa, o que havia descoberto, até então, pois é a atmosfera de Florença que garante o sentido dos conhecimentos acumulados até aquele momento, propiciando um sentido de fruição, prolongamento, crítica e desenvolvimento. É só com o contato com o ambiente florentino que Alberti entende o que é ideal, intencional e potencial.

Seu estranhamento é tão grande que revela um profundo descentramento que afeta inclusive seu comportamento, mas realçando sua dimensão mística e não sua inferioridade. Seu contato com Donatello, Brunelleschi e Massacio determina uma mudança radical em sua vida. O que ocorre é que o estranhamento decorre da emoção de ver tudo aquilo que ela havia pensado realizado em Florença. Não era resultado da percepção da inferioridade, mas do reconhecimento da universalidade do conhecimento do homem. Não há subordinação, o estranhamento é fruto da felicidade de ver resolvidos vários problemas ligados as suas pesquisas em perspectiva, ótica e história natural, de um lado; de outro, encontra uma cidade que, junto com Roma, encanta Alberti por dar-lhe as condições de organizar os elementos que devem compor a cidade ideal.

Assim, o resultado do estranhamento é positivo. Dele derivam grandes projetos e dois textos centrais: *Da Pintura* e *Da arte edificatória*. Além disso, parece-me que Alberti passa a entender melhor a cultura cívica, propiciando a construção do modelo da cidade ideal por cima das diferenças locais e das disputas políticas. Ao mesmo tempo, se surpreende pela visualização em Florença de grande parte dos ideais humanistas vivenciados por Alberti.

Florença é o lugar ideal, porque mantém o clima idealizado por ele como salvação do homem e por isso, em Florença, coincidem a cidade real e a cidade ideal; não há dupla

natureza na cidade e nas formas de pensar e agir dos homens. Todos vivem a cultura cívica em sua plenitude.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

ALBERTI, Leon Battista. *Da Pintura*. SP: Unicamp, 1989.

_____. *De re aedificatoria*. Madrid: Ed. Valencia, 1977.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. SP: Martins Fonte, 1993.

BENTMANN, Reinhard y MULLER, Michael. *La villa como arquitectura del poder*. Barcelona: Seix Barral, 1985.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. SP: Perspectiva, 1985.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*, vol. II. Lisboa: Estampa, 1984.

GARIN, Eugenio. *O renascimento. História de uma revolução cultural*. Porto: Telos, 1972.

GREINBLATT, Stephen. *Renaissance Self-fashioning from More to Shakespeare*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

MARIN, Louis. *Utopiques: jeux d'espaces*. Paris: Minuit, 1973.

RODRIGUES, Antonio E. M. . "O ato de descobrir ou a fundação de um 'novo mundo'". IN: *Revista Gávea*, no. 10, vol. 10, 1992.

RODRIGUES, Antonio E. M.. *Saber, cultura e modernidade*. RJ: Rascunhos de História, Departamento de História/PUC-Rio, 1993.

ROSENAU, Helene. *A cidade ideal. Evolução arquitectónica da Europa*. Lisboa: Presença, 1988.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. SP: Cia das Letras, 1996.

VENTURI, Leonelo. *História da Crítica de Arte*. Lisboa: Edições 70, 1984.

NOTAS:

1 - WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. SP: Pioneira, 1975.

2 - CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. SP: Perspectiva.